

## **SOBRE HOMENS E MULHERES: A “INVENÇÃO” DO FALO**

*Hermano de França Rodrigues (PPGL/UFPB)*  
*hermanorg@gmail.com*

### **1. Considerações Iniciais**

O romance oral constitui uma modalidade da literatura popular caracterizada pela diversidade de versões ao longo dos tempos, coexistência de formas variantes, dinamismo, mutabilidade e forte presença de marcas linguísticas reveladoras de uma ideologia subjacente. Passado de geração a geração, modifica-se no decorrer do tempo para adequar-se ao contexto social, histórico e cultural em que se insere, sem, no entanto, perder sua essência e sempre evidenciando valores, costumes e comportamentos de uma sociedade.

A semiótica greimasiana, teoria na qual se fundamenta nossa análise, concebe a significação como um percurso que se inicia na estrutura fundamental, semiotiza-se no nível intermediário (ou narrativo) e se concretiza nas estruturas discursivas – o nível mais superficial do discurso. Desta forma, este trabalho se propõe a examinar o processo de narrativização do romance popular *História de Dona Genebra*, observando como se realizam e se organizam os percursos de cada sujeito semiótico em busca de seu objeto de valor.

### **2. Sob o signo da (in)fidelidade**

*História de Dona Genebra* narra a história de Genebra, mulher formosa, dotada de muitas habilidades e atributos e casada com Bernardo, homem afortunado que exibia orgulhosamente a vida harmoniosa que desfrutava com sua invejável esposa.

Certo dia, Bernardo viajou a Roma, levando consigo um criado. Chegando lá, conheceu quatro mancebos, com os quais dialogou sobre a

confiabilidade feminina. Os jovens afirmaram que as mulheres não inspiram confiança e tentaram convencer Bernardo de que nem a sua esposa era digna de confiança, ao que Bernardo retrucou com veemência.

O jovem Ambrosiolo ofereceu-se a provar a infidelidade de Genebra, propondo-se a ir a Gênova, a fim de comprovar o que asseverara. O acordo foi firmado em cartório. Em seguida, Ambrosiolo partiu para Gênova, onde arquitetou um insidioso plano para conseguir entrar na casa de Genebra. Escondido num baú, ele conseguiu transpor os umbrais da residência de Bernardo.

À noite, enquanto Genebra dormia, o jovem pérfido dirigiu-se sorrateiramente ao quarto para consumir seu estratagema. Após roubar uma bolsa, um cinto e um lenço, Ambrosiolo viu um sinal que Genebra tinha sob o seio esquerdo. De posse dessas provas, ele retorna a Roma e as revela a Bernardo, que, decepcionado e entediado, mandou que o criado a apunhalasse impiedosamente até a morte. Genebra, surpreendida com o criado prestes a assassiná-la, sugeriu que este pegasse o vestido dela, manchasse-o de sangue e o levasse ao patrão como prova do crime, a fim de aplacar-lhe a ira. E assim sucedeu. Genebra, disfarçada de homem e com o pseudônimo Sicurião, fugiu em uma embarcação que seguiu para Alexandria. Admirado pelo capitão do navio, Sicurião foi apresentado ao rei (sultão) de Alexandria. Apreciado pelo supremo monarca, Sicurião promoveu, com absoluta destreza, a paz em Alexandria, onde, naquele momento, ocorriam violentos conflitos. Com isso, o valoroso homem conquistou o total respeito da realeza.

Ao conhecer Ambrosiolo, Sicurião reconhece os objetos que lhe foram tirados e entendeu a insídia em que caíra. Porém, Sicurião o conduz ao sultão. Em meio a uma conversa, Ambrosiolo contou o que fizera a Bernardo. Por intermédio de Ambrosiolo, Sicurião conhece Bernardo. Juntos, os três foram à corte, sendo recebidos pela real majestade – o sultão. Após o jantar, Sicurião sugeriu que Ambrosiolo contasse, na presença do sultão e sob juramento perante Deus, toda a verdade sobre a falsa traição de Genebra que ele inventara. Ambrosiolo narrou como tudo de fato acontecera. Bernardo sentiu-se movido de profundo arrependimento. Porém, Sicurião retirou-se da sala e

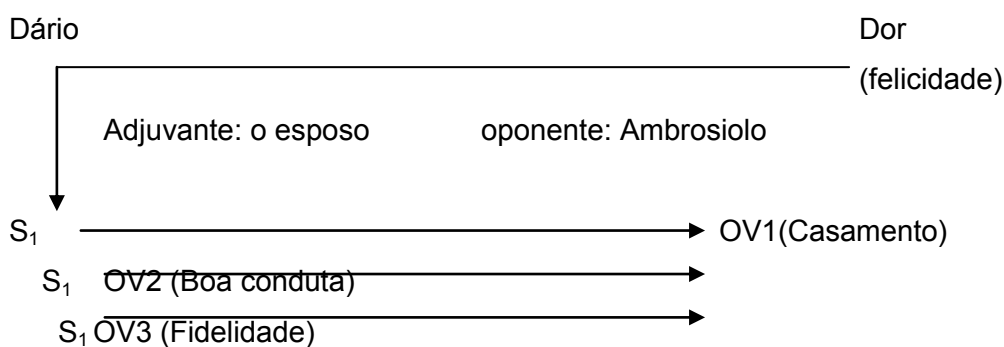
voltou com formas e aparência de mulher. Genebra mostrou o sinal ao marido como prova de quem ela era.

Atônitos, todos presenciaram a reconciliação do casal, ao mesmo tempo em que o rei mandou crucificar Ambrosiolo e tirar-lhe toda a riqueza para dá-la a Bernardo e a Genebra, que findam a história na mais plena felicidade.

Na narrativa em questão, constata-se a presença de três sujeitos semióticos, cujos percursos serão analisados separadamente, tendo em vista a sua elucidação:

- **A propósito do S1 (Dona Genebra)**

Na história analisada, temos o S1, figurativizado por Dona Genebra, como sujeito de um *dever-ser*, que é motivado pela felicidade e tem como objeto de valor a harmonia conjugal. Nesse contexto, a figura do marido surge como seu adjuvante, uma vez que ambos objetivam ser felizes. No entanto a presença de um oponente – Ambrosiolo – ameaça a conquista do valor pretendido pelo casal. Assim, temos o seguinte o esquema:

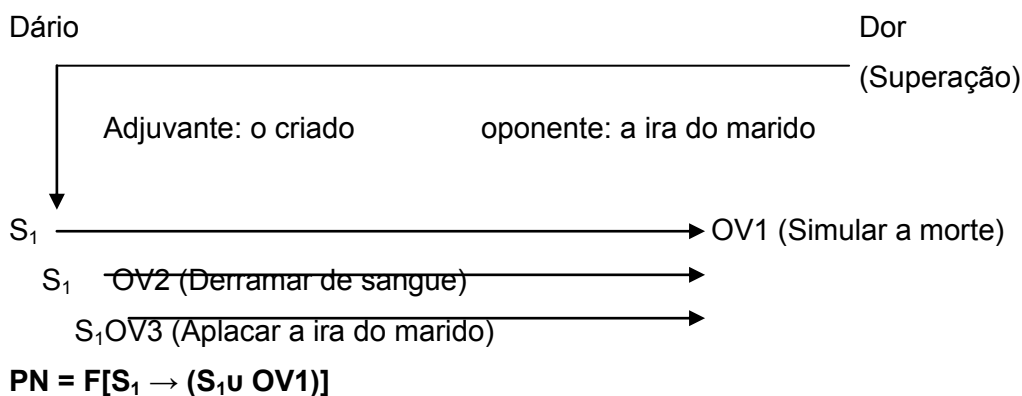


$$PN = F[S1 \rightarrow (S1 \cap OV1)]$$

Desta forma, temos um sujeito, instigado pela felicidade, em conjunção com o objeto de valor. Entretanto, este percurso é quebrado quando se inicia a atuação do oponente. O S1, até então conjunto com o OV1 (casamento), entra em disjunção com o valor à medida que o oponente vai consolidando seu propósito malévolo.

Com a ruptura no percurso do S1, este entra em disjunção com o objeto de valor. Na condição de sujeito de um *querer-fazer* e impelido pela necessidade de superação e pela premente reabilitação do casamento, o S1 passa a ter como objetivo final a reconciliação conjugal. Para isso, conjectura um engenhoso plano, que se inicia com a simulação de sua morte.

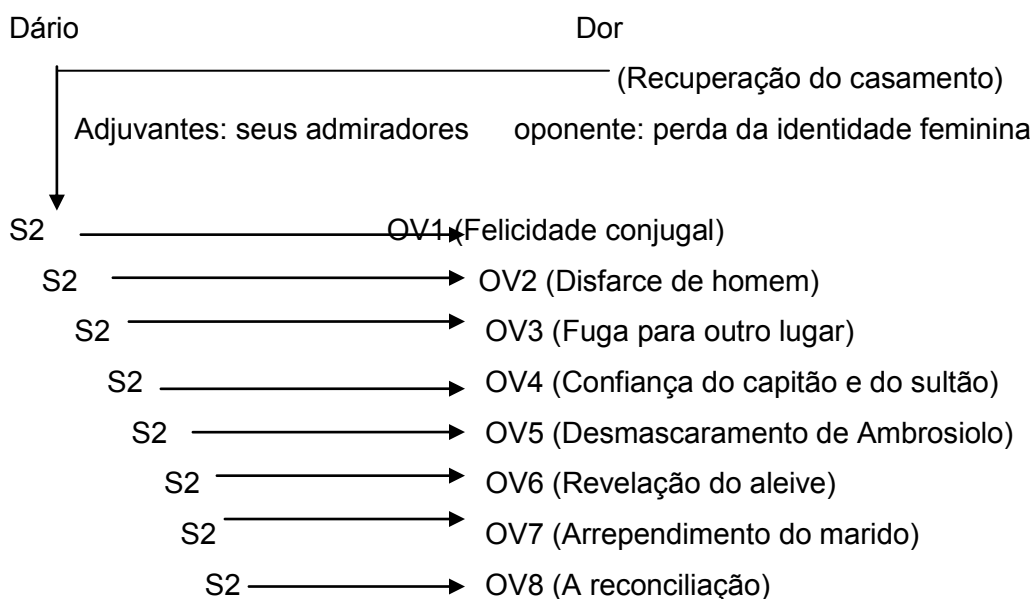
Ainda figurativizado por Genebra, o S1, agora disjunto do objeto de valor, tem como destinador a superação, sendo auxiliado agora por outro adjuvante – o criado – e tendo como oponente a irredutível cólera do marido. Com isso, os objetos de valor mudam, uma vez que o percurso passa a ter como finalidade o abrandamento da fúria do esposo. Temos, portanto, o programa narrativo representado da seguinte forma:



- **A propósito do S<sub>2</sub> (Sicurião)**

Buscando concretizar seu intento, o S1 assume o papel de um outro sujeito (figurativizado por Sicurião), dando início a outro percurso semiótico, cujo ápice é a revelação de que o admirável homem era, na realidade, Genebra disfarçada. Visando a provar sua inocência ao consorte, Sicurião (S2) refugia-se numa embarcação, onde logo demonstra suas múltiplas aptidões e conquista admiração e confiança do capitão. Chegando a Alexandria, o S2 encanta a realeza com suas nobres qualidades. Sensato, inteligente, audaz e corajoso, o S2, em pouco tempo, dispõe do respeito e do prestígio de todos. Dispondo de certa primazia, ele, impulsionado pela vontade de recuperar do casamento, tenta desvendar a cilada da qual foi vítima. Para isso, reencontra seu primeiro oponente – Ambrosiolo, o responsável pela destruição do seu

matrimônio – descobre a verdade e, ardilosamente, o faz revelar toda a armação a Bernardo. O S2 tem, pois, como objeto de valor principal a comprovação de sua inocência, num complexo percurso em terá como adjuvantes aqueles cuja admiração conquistou – o capitão e o sultão de Alexandria. O S2 se caracteriza, pois, nesse contexto, como um sujeito de um *querer-fazer* e um *querer-ser*.



$$PN = F[S_2 \rightarrow (S_2 \cap OV1)]$$

- **A propósito do S3 (Bernardo)**

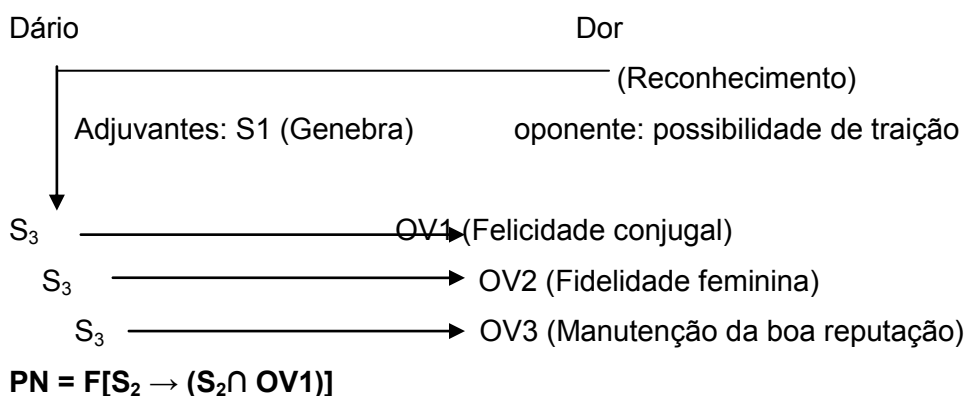
O S3, na figura do marido e a princípio em conjunção com o valor felicidade conjugal, instaura-se como um sujeito de um *ser*, tendo em vista que acreditava cegamente na infalibilidade do S1, exibindo-a aos amigos céticos. Após conversar com quatro rapazes sobre a (in)fidelidade feminina e ao permitir que um dele fossa a Gênova provar a fidelidade de Genebra (S1), o S3 atua como sujeito de um *querer-ser*.

Acreditando na suposta traição que sofrera, o S3 passa a sujeito de um *dever-ser* e um *dever-fazer*, em virtude das convenções sociais que impunham ao homem a obrigação de salvar a honra.

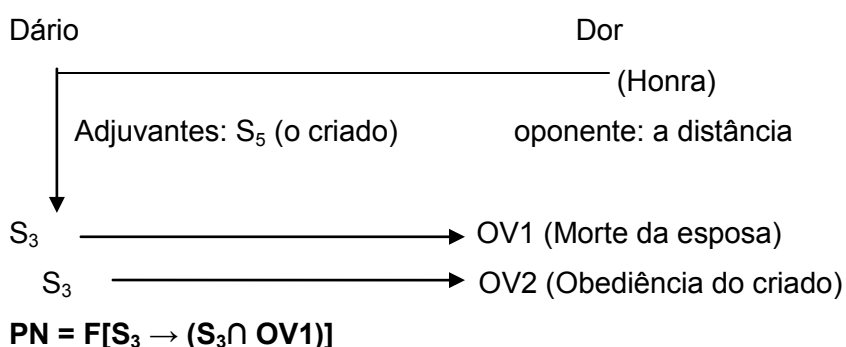
Côncio de que fora enganado, o S3 passa agora a sujeito de um *querer-fazer*, já que, arrependido, buscará o retorno da união com a esposa.

Constatam-se, portanto, três percursos realizados pelo S3.

No primeiro, o S3, conjunto com a felicidade conubial, está constantemente a ostentar seu harmonioso himeneu, em busca de méritos e prestígio ante a sociedade. Motivado pelo desejo do reconhecimento de sua honra, o S3 tem como adjuvante o S1 (Genebra) e como oponente a possibilidade de ser traído. Vejamos a ilustração dos gráficos:

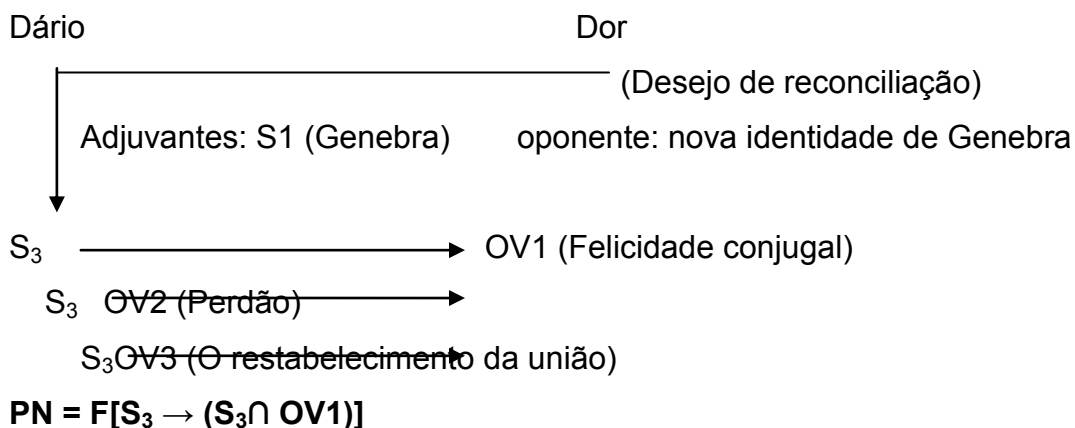


No segundo percurso, o S3, sujeito de um *dever-ser* e um *dever-fazer*, é coadjuvado pelo S5 (o criado), prejudicado pela distância que o separava da esposa e tem como destinador a própria reputação. Nesse momento, seu objeto de valor principal é a execução da esposa.



O S3, em seu último percurso, é caracterizado pela modalidade complexa do *querer-fazer*, porquanto, desfeito o engodo, ele, esboçando profundo arrependimento, reconcilia-se com o S1. O desejo de reconciliação propõe-o a recuperar o valor felicidade. Para isso, surge como seu adjuvante

novamente o S1. O oponente agora é a desconfiança de que o S2 era de fato o S1.



### 3. Considerações Finais

A literatura popular é uma fonte inexaurível de marcas linguísticas através das quais se configuram comportamentos, sistema de valores, ideologias e outros componentes sociais. Quando se penetra nas camadas profundas do texto popular, percebe-se nitidamente a vigência de costumes que remontam para uma esfera espaço-temporal cujos valores que vêm se perpetuando desde os primórdios: a prevalência do homem, que visa à preservação de sua imagem, seu prestígio e sua honra ante a sociedade, em detrimento dos valores femininos.

A *História de Dona Genebra* originou-se no Renascimento, tendo sido elaborada por Boccacio. Essa narrativa se popularizou através da oralidade e vem se perpetuando ao longo dos tempos em vários gêneros da literatura popular, como o cordel e o romance oral, e sempre relatando as proezas de uma audaciosa mulher.

No texto em questão, analisamos como se organizaram e se realizaram os percursos de cada sujeito semiótico na narrativa. Foi interessante perceber que um mesmo sujeito muda de objeto de valor, principalmente quando a figura masculina tem sua reputação ameaçada, num contexto em que a honra do homem está diretamente condicionada à conduta da esposa. Sincretismo

actancial, mudanças de objeto de valor, tudo ocorre para assegurar ao homem o pleno gozo de um matrimônio no qual imperem a harmonia e fidelidade da mulher.

## Referências

ANDRADE, Maria Margarida de. **Traços Sócio-semióticos e Culturais de um Texto**. In: Revista Brasileira de Lingüística, vol. 09. São Paulo: Plêiade, 1997.

BARBOSA, Maria Aparecida. Estruturas e Tipologia dos Campos Conceptuais, Campos Semânticos e Campos Lexicais. In: **Acta Semiótica et Lingvistica - SBPL**, vol. 08. São Paulo: Editora Plêiade, 2000.

\_\_\_\_\_. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não-literários. In: **Revista Brasileira de Linguística**. Vol. 11, Nº 01, Ano 27. São Paulo: Terceira margem, 2001.

CASCUDO, Luis Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universitária, 1984.

CORREIA, João David Pinto. **Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

FAVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e Escrita – Perspectivas para o Ensino de Língua Materna**. São Paulo: Cortez, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 8ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

GREIMAS, A. J. Os Atuantes, os Atores e as Figuras. In: **Semiótica Narrativa e Textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

HJELMSLEV, L. . **Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1973.

PAIS, Cidmar Teodoro. Texto, Discurso e Universo de Discurso. In: **Revista Brasileira de Linguística – SBPL**, nº 1, v.8. São Paulo: Plêiade, 1995.

\_\_\_\_\_. Lazer, trabalho, afeto, paixões e valores na cultura e na sociedade brasileiras: ensaio em semiótica das culturas. In: **Revista Brasileira de Linguística – SBPL**, v.10. São Paulo: Plêiade, 1999.



\_\_\_\_\_. Conceptualização, denominação, designação: relações. In: **Revista Brasileira de Linguística – SBPL**, v.09. São Paulo: Plêiade, 1997.